

Para um esboço de escuta: “Nenhum-homem / (Quicá cada um de /Nós?)”, entre o épico e a política em Haroldo de Campos

GUSTAVO SCUDELLER *

RESUMO: O que é um homem? O que ainda pode ser dito sobre ele, depois das várias crises e transformações tecnológicas dos séculos XIX e XX? Tais questões e suas respostas mais comuns sempre estiveram no centro de muitas obras de filosofia e literatura, entrelaçadas com tópicos relacionados à biografia, à política e à poesia épica. Este artigo procura tratar desses tópicos discutindo como eles operam em alguns poemas escritos por Haroldo de Campos e como amizade e afeto são duas ligações importantes entre eles.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade; Crise de Representação; Épica; Poesia; Política.

ABSTRACT: What is a man? What can one say about it, after the several crises and technological changes of the nineteenth and twentieth century? Those questions and their most common answers always were at the core of many works of literature and philosophy, interweaved with topics related to epic poetry, politics, and biography. This paper deals with those topics, showing how they work in some poems written by Haroldo de Campos and how friendship and affection are two important links between them.

KEYWORDS: Crisis of Representation; Epic; Friendship; Poetry; Politics.

* Doutor em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas - IEL - UNICAMP - 13083-859 - Campinas - SP - Brasil. E-mail: gustavoscudeller@yahoo.com.br

Da sintonia impossível: a erosão das margens, a multiplicação das falas e o registro do precário

Quando escrevi o texto que vem logo a seguir, eu o fiz, inicialmente, para ser lido como uma fala, no dia de lançamento do volume especial da revista *Cisma*, sobre Haroldo de Campos. A revista, preparada e editada pelos alunos de graduação da FFLCH/USP, era uma reedição do volume comemorativo de 1996, publicado, à época, em 2.000 exemplares, sem finalidade comercial, e distribuído pela editora da PUC como parte das comemorações dos 50 anos da universidade, onde Haroldo também foi professor. A mais recente edição trazia novas traduções dos depoimentos de Jacques Derrida, Octávio Paz, Cabrera Infante e João Cabral de Melo Neto, além de um texto de apresentação de Renan Nuernberger e um ensaio da professora Diana Junkes Bueno Martha. O lançamento aconteceu no dia 8 de outubro de 2015, na Casa das Rosas, durante a programação da Hora H, um evento anual, de iniciativa da instituição, realizado em homenagem a Haroldo. Quanto à Casa das Rosas, ela era – até o momento, pelo menos – talvez um dos espaços culturais de maior importância na preservação da memória e da obra de Haroldo, na cidade de São Paulo. Tendo abrigado em seu acervo a biblioteca pessoal do autor, vinha se dedicando continuamente à promoção de eventos e oficinas de poesia, literatura e arte em geral.

Faço questão de destacar isso porque, ao que me parece, eram esses detalhes de circunstância que marcavam os limites dentro dos quais eu pretendia situar a minha fala naquela ocasião. À época, o país começava a entrar num clima de acirrada polarização política. Multiplicavam-se as contestações aos programas sociais do governo e à sua política econômica. Justamente naquele dia, as manchetes dos jornais davam destaque, como matéria de capa, a uma das primeiras vitórias da oposição ao governo: a reprovação das contas da presidência pelo Tribunal de Contas da União (TCU). Estava deflagrada, assim, a agenda de deposição da presidente, encampada por setores neoliberais e ultraconservadores, com amplo apoio da imprensa e, principalmente, do eleitorado ressentido com a derrota nas eleições de outubro de 2014.

Hoje, poucos meses depois, retomando o texto com a intenção de encaminhá-lo para a revista *Olho d'água* noto (na verdade, mais anoto do que noto, pois é algo de conhecimento geral) que a situação se agravou muito, embora ainda conserve um ar inquietante de incerteza e normalidade. Não faz uma semana, foram milhares os que saíram às ruas para pedir a renúncia da presidente. Quatro dias depois, no dia 18 de março, foram outros milhares que saíram para exigir respeito às garantias políticas individuais e à Democracia, alegando manipulação jurídica e midiática dos processos e uma deliberada campanha de ódio contra opiniões divergentes daquelas consagradas pela imprensa e pelos movimentos pró-impeachment.

De um momento ao outro — e, de igual maneira, de um texto ao outro —, as situações pareciam apresentar uma nítida continuidade. Elas se assemelhavam e correspondiam e, ao mesmo tempo, já não eram, certamente, as mesmas.

Pensando nisso, optei por interferir o mínimo possível na primeira versão do texto.

É possível que o resultado tenha ficado aquém do esperado. E que, principalmente, não tenha conseguido atingir o objetivo do qual, já na primeira versão do meu texto, tinha decidido abdicar por inteiro, isto é: o de analisar em detalhes cada um dos temas que, em seu conjunto, formavam o assunto de minha fala. Embora complexo, era assim que o queria. Portanto, dou-me por satisfeito se o texto puder servir ao menos de registro, tanto das circunstâncias como dos impasses que, em geral, qualquer um experimenta – ou, pelo menos, deveria experimentar – frente ao desafio habitual da leitura, particularmente, em situações como essa, em que a homenagem dirigida a um poeta e a celebração da poesia acabam se confundido com a urgência de discutir os próprios limites da autonomia literária.

Das homenagens, convívios, amizades e cismas da poesia

Multilaborioso Odisseu –
[...]
tu que eras tão loquaz
nas arengas da ágora
responde-me: quem ao
fim
e ao cabo foste?
Inter-
dito Odisseu
Nãodisseu Nenhum-
Homem (quicá cada um
de
nós?)”

Haroldo de Campos – *Entremilênios*

Quis começar minha fala com estes poucos versos, tomados de um poema de *Entremilênios* (2009, p. 170), de Haroldo de Campos. O livro é uma antologia póstuma, organizada por Carmen de Arruda Campos, sua esposa e companheira de toda a vida. O poema que escolhi é da seção “Lendo a *Ilíada*”, que reúne vários poemas de Haroldo escritos como uma espécie de depoimento, ou testemunho, de sua experiência de leitura e tradução de Homero. É sobre Odisseu. E não traz título, algo incomum em sua obra, mas que concorda bem com a problemática geral do poema. Nele, o poeta se pergunta sobre as mil faces do herói, que por tantos mares navegou, antes de voltar à Ítaca. “Nenhum-nome”, como é do conhecimento geral, traduz, aí, o termo grego *outis*, com que Odisseu, dizendo se chamar “Ninguém”, refere-se a si mesmo na *Odisseia*, a fim de escapar à morte nas mãos do gigante Polifemo¹.

¹ Para mais detalhes sobre este episódio, ver o ensaio de Jeanne-Marie Gagnebin (1997), que consta da referência bibliográfica, ao fim.

Creio que, embora sintéticos, esses poucos versos resumem bem o tema da minha fala — particularmente os três últimos. Melhor dizendo: eles depõem sobre esse pequeno testemunho de leitura que, pretendo, deve ser a minha fala, e que gostaria de submeter ao juízo de vocês, sob a forma de uma pergunta: — O que é que a gente pensa sob a rubrica do “testemunho” ou do “depoimento”, quando falamos de um autor? Em particular, de um autor de que gostamos, ou ao qual dedicamos parte de nossa vida, e sobre o qual pretendemos dizer algo de pertinente ou relevante (mesmo quando, no melhor dos casos, talvez o que devêssemos dizer, ou fosse melhor pretender dizer, fosse justamente algo de impertinente ou irrelevante), chame-se ele Haroldo de Campos ou ninguém?

Antes de tentar responder, devo confessar algo a vocês: não sei bem por que decidi estudar Haroldo quando comecei meu curso de graduação em Letras, na UNESP de São José do Rio Preto. E nem por que continuei estudando-o por tantos anos. Tenho lá minhas hipóteses, que já expliquei em outros casos, de forma mais ou menos pessoal ou acadêmica. Mas isso não vem ao caso.

O que importa é que, ao ter nas mãos esta edição especial da revista *Cisma*, identifiquei-me muito rapidamente com alguns trechos dos depoimentos de Jacques Derrida e de Diana Junkes sobre Haroldo, e gostaria de retomá-los aqui. Diz Derrida, na tradução de Henrique Amaral:

Quando verei novamente Haroldo de Campos? Nós nos encontramos tão raramente, uma primeira vez em Paris décadas atrás, e isso foi para mim a revelação (‘este homem é um imenso poeta-pensador que sabe tudo, logo me disse, qual é o *segredo que guarda?*’), uma outra vez há alguns meses em São Paulo, durante uma agradável noite na casa de Leyla Perrone-Moisés. [...] Duas vezes apenas, [...] e no entanto Haroldo é um íntimo, desde que eu aprenda a lê-lo, e [...] tenho tanto a aprender dele, em tantas línguas, a começar pela sua [...] e [...] já sei [...] que posso pensar nele, continuamente, como num desses raros grandes-amigos-admiráveis que nunca terei encontrado o bastante, de quem tanto recebi mas de quem não soube receber o bastante. (DERRIDA, 2015, p. 20).

Ao que Diana emenda, em seu texto:

Haroldo é um desses amigos que Derrida lamenta não encontrar mais vezes, aquele tipo de amigo que o faz pensar e desejar os encontros passados e os encontros por vir e as razões dessa bem-querença, a começar pela generosidade haroldiana, também lembrada por tantos que conheceram e conviveram com ele. Derrida nos fala do ‘gênio haroldodecamposiano em sua fulguração poético-pensante’, de seu trabalho de ‘tradução geradora e generosa’, da ‘única fonte libidinal de todo pensamento poético’. Mas diz-nos também, sobretudo, algo fundamental: Haroldo, não a pessoa, mas o amigo, o poeta, o pensador, é infinito: ‘um íntimo, desde que eu aprenda a lê-lo’, ou, acrescento eu, íntimo a cada vez que o reencontramos outro do mesmo na leitura, eterna dobra e desdobra deleuziana [...] Todas essas características fazem-me pensar nas razões pelas quais Derrida afirma que Haroldo de Campos é o admirável amigo do qual tanto se recebe, mas do qual não se sabe receber o bastante, justamente pela vastidão e pela envergadura de suas reflexões. (MARTHA, 2015 p. 14).

Quem quer que escreva ou fale em público sabe do risco que endossar opiniões alheias e tão pessoais como essas envolve, em particular, quando o endosso, feito de forma entusiástica, não vem precedido de um mínimo de distanciamento crítico ou da investigação cuidadosa do que a opinião do outro implica ou significa. Mesmo assim, devo dizer sem receio: subscrevo ambos, por inteiro. Eu, que, até este encontro, não tinha tido a chance de conhecer a professora Diana pessoalmente, embora já tivesse ouvido falar de seu trabalho e mesmo lido alguns de seus textos, antes de escrever minha fala. Eu, que não conheci Haroldo nem Derrida em pessoa; que nem mesmo os vi sequer uma ou duas vezes, como Derrida diz ter visto Haroldo; mas com os quais convivi e ainda convivo muito, por intermédio da leitura.

Ao falar de convívio e amizade — tão bem frisados nos depoimentos de Derrida e Diana —, acho que toco no ponto que anunciava como eixo de minha fala e que não gostaria de perder de vista: a política, em Haroldo de Campos.

Isso porque a política — sei eu, e cada um de vocês sabe ainda muito mais —, não é apenas tratar de temas controversos, de urgente interesse para o país ou para a época em que vivemos. Algo assim, com certeza, é política, pelo menos no sentido mais usual do termo. Mas, desde a antiguidade mais remota, sabemos que a política também é, ao menos no seu exercício cotidiano, uma forma de pensar — e, por isso, de representar, de figurar poeticamente — a amizade e o convívio. E, também, de vivê-los. Obras como *O Banquete* e a *Apologia de Sócrates*, de Platão, não são apenas diálogos sobre o amor, a política e a busca da verdade, mas, principalmente, sobre a amizade. E isso vale mesmo para os apontamentos mais furiosos de Nietzsche sobre Hegel, Wagner, o nacionalismo alemão, ou o cristianismo.

Cumprir lembrar, a *philia* (isto é, a amizade) já era, bem antes da época dos filósofos, um dos grandes temas da epopeia antiga. Tão importante quanto a investigação mítica acerca do destino e da morte, do mundo dos deuses ou da guerra. Isso, tanto no *Gilgamesh* como em Homero — que, por muitos séculos, foi um pouco do que nos restou de testemunho deste tempo; Homero, a quem Haroldo tanto amou e a quem dedicou parte considerável de sua vida; e que nos conta, entre muitas coisas admiráveis e belas, da sublime amizade de Aquiles e Pátroclo, os dois heróis, chefes dos mirmidões e aliados indispensáveis dos gregos, que, tendo se recolhido em seu acampamento depois da briga que separou Aquiles e Agamêmnon, esbanjavam noites e noites entre bebidas e cantos, enquanto, nas praias de Troia, a guerra dizimava a todos, indiferentemente.

É, portanto, deste convívio entre o épico e a política, como representação da amizade, que gostaria de tratar. Mesmo sabendo que não poderia fazê-lo de modo cabal, numa única fala.

Já faz tempo que muitos teóricos da literatura (e também fora dela) insistem que todo depoimento, enquanto modalidade de testemunho é (como a amizade) um gênero de discurso totalmente impregnado de sentido político. Numa situação jurídica, é de praxe chamar para dar seu testemunho, ou depoimento, preferencialmente alguém que tenha tido envolvimento pessoal com um dos contendores. Ou, então, alguém que detenha o conhecimento de um ou mais detalhes decisivos na contenda.

Numa homenagem como esta, entretanto, que é também ocasião de lançamento de uma revista, faz parte do *decorum* exigir, mesmo que tacitamente, uma atitude de reserva respeitosa, tanto em relação ao homenageado como aos seus convidados. Isso, se o que se pretende, realmente, é não ser indiscreto ou inoportuno. Por outras palavras, o que se espera é uma atitude de suspensão temporária do juízo, de modo que os presentes possam se comprazer na lembrança dos episódios mais edificantes e publicamente engrandecedores da vida do homenageado. Mesmo quando o homenageado em questão é Haroldo de Campos: uma figura inquieta, crítica, de extrema militância cultural e poética; um incomparável “agitador da cultura”, como dizia Cabrera Infante, neste número da revista *Cisma*; aqui, traduzido por Guilherme Tauil. Mesmo quando o homenageado em questão é esse Haroldo de Campos que tantos de nós conhecemos: vanguardista, controverso e, ao menos declaradamente, pouco afeito às práticas apaziguadoras, ou museológicas da literatura. Enfim, mesmo quando a ocasião é a do lançamento de uma revista chamada *Cisma*, que, como seu título evoca, e a “nota dos Editores” declara, convida “a nos posicionarmos em relação aos espaços da crítica literária e da criação tradutológica” (CISMA, 2015, p. 5). Ou, como resume muito bem o Renan Nuernberger (2015, p. 9), na sua introdução ao volume, a “encarar Haroldo de Campos. Colocá-lo à prova do tempo presente, ininterruptamente”.

Haveria, portanto, condições para isso, aqui? “Encarar Haroldo de Campos de frente”? Cismar com ele, justo no seu dia de homenagem, num lugar e numa festividade dedicados especialmente a ele? Obviamente, não é nada disso que Nuernberger e a *Cisma* estão propondo, não no sentido grosseiro do termo. E o que estou tentando, aqui, é, deliberadamente, uma leitura a contrapelo, com finalidade heurística, digamos assim.

Desse modo, assumindo por nossa conta e risco, que, sim, que é disso que se trata: de *cismar com Haroldo*; como *colocá-lo à prova do tempo*, sem manifestar, concomitantemente, a menor implicância ou divergência em relação a ele? Ou mesmo sem dar a entender algo parecido, ainda que involuntariamente? Toda forma de cisma *tem que ser, necessariamente*, algo que se faz *contra* uma pessoa ou assunto? Ou haveria, na própria noção de “cisma” — e no modo como a revista a propõe —, a ideia de algo que, *ainda*, pode ser feito junto, por mais de uma pessoa — embora, não necessariamente, num mesmo tempo, convergindo forçadamente para as mesmas metas?

Para aquém e para além de toda cisma raivosa ou ressentida, convém notar, existe, também, um cismar amoroso: um cismar de amigo. O mesmo que, na proximidade ou na distância, reúne os amantes. E que faz acudir à memória as amizades recentes e antigas. É disso, creio eu, que trata este volume da revista.

Mas não só.

É preciso lembrar — e é a isso que nos convida, também, este volume — que nem sempre concordamos com Haroldo. Nem precisamos disso, seja para demonstrar amizade e carinho por ele, seja para demonstrar independência, autenticidade ou indiferença em relação ao seu pensamento².

² Remeto, o leitor, aqui, aos ensaios do professor Marcos Siscar (2010, 2014) sobre Haroldo de Campos e sobre a crise na poesia moderna. Em particular, ao seu artigo “A cisma da poesia brasileira”, publicado no número 8-9 da

Haroldo sempre foi polêmico, tanto a respeito da poesia como de temas e circunstâncias da vida política vulgar, isto é, a política de todos nós. Nessa, creio eu, Haroldo sempre se arriscou menos, ou, talvez, nem sempre da maneira audaciosa, vanguardista ou experimental como pretendia fazer com a poesia, que proclamava, sempre muito apaixonadamente, ser o seu *campo* de batalha, por eleição. No tocante à política vulgar, Haroldo era na maioria das vezes circunspecto — precavido ou prudente, talvez. Veja-se, por exemplo, a entrevista concedida por ele ao cineasta Gerald Thomas (2012), na qual, entre outras coisas, deslinda a sua posição pessoal em relação a temas da política internacional, como a presidência de G. W. Bush, as arbitrariedades e o autoritarismo do Estado de Israel. Para além da tietagem exagerada e até mesmo algo constrangedora da parte do entrevistador, o vídeo é das entrevistas mais interessantes já feitas com o autor, tanto pelo despojamento intimista e doméstico da conversa — uma conversa entre amigos — como por ter sido, talvez, uma das últimas aparições do poeta.

Tantas precauções com a política, porém, não pouparam Haroldo de dissabores, nem de reprimendas vindas indiferentemente da direita ou da esquerda. Como, por exemplo, quando, a pedido de membros do partido, escreveu seu poema “Por um Brasil-Cidadão”, para a campanha presidencial de Lula, em 1994, e despertou a ira de partidários do próprio PT, alguns dos quais, reforçando os argumentos expressos pela professora Iumna Maria Simon (1994), em seu ensaio “A cidadania de pé-quebrado”, julgaram o poema alienado, paternalista e primário.

Não sem razão.

O poema era muito ruim, mesmo. E as justificativas políticas e poéticas de Haroldo, ainda piores...

Aliás, o próprio artigo da professora Iumna, embora virulento, tinha seu mérito: colocava com rigor crítico e analítico, e opinião muito bem informada, as questões políticas e ideológicas mais sensíveis, envolvidas na composição e na repercussão político-cultural da composição de Haroldo.

De nada adiantaram as explicações e desculpas, porém. O quiproquó estava instalado e mobilizou respostas inflamadas de amigos, simpatizantes e inimigos do poeta, produzindo uma fortuna crítica curta, mas muito rica para a compreensão das posições em jogo naquela ocasião. Cito, por exemplo, os textos “Dedurismo fora do lugar”, de Nelson Ascher (1994), e “A sobra de Jdanov”, de Boris Schnaiderman (1994), para ficar apenas entre os dois que, já na primeira hora, saíram em defesa de Haroldo.

Nem uma coisa nem outra, contudo, chegou sequer a arranhar a figura pública e literária de Haroldo. Muito pelo contrário, com o passar do tempo, Haroldo não só conservou como parece ter ampliado consideravelmente seu prestígio, sobretudo no campo da tradução.

Dito isso, volto, então, ao épico e à poesia, que eram o meu assunto, e, também, o campo de lutas reivindicado pelo poeta.

revista *Sibila*, de 2005, e recolhido em *Poesia e Crise*, o qual, se não inspirou indiretamente o nome da revista dos alunos da USP, por certo, contribuiu muito para colocar o termo em evidência no debate recente sobre poesia contemporânea no Brasil.

Do “rumor do mar” à “palavra-búzio”; o “anjo esquerdo da história”

Num fragmento de *Galáxias*, datado de 1970 e intitulado “mais uma vez”, Haroldo definia, com belas imagens, como entendia a sua escrita e seu livro, bem como a tarefa do escritor. Escreve Haroldo:

[...] a mão retira agora uma lauda datiloscrita da máquina-
-de-escrever quando a saliva já rememora na memória o seu ponto saturado
de perfume apenas a lembrança de um ter-sido que não foi ou foi não-sendo
[...] uma polipalavra contendo todo o
rumor do mar uma palavra-búzio que homero soprou e que se deixa transporar
através do sucessivo escarcéu de traduções encadeadas vogais vogando
contra o encapelo móvel das consoantes [...]
num livro-de-viagens [...]
(CAMPOS, 2004, fragmento “mais uma vez”)³

Essa figura do abandono, essa “palavra-búzio”, jogada, pelo mar, à beira da praia, vazia, mas contendo, também, todo o oceano, e que também Homero teria soprado um dia, não seria, ela também uma imagem da grandiosidade e da pequenez da poesia, desde o tempo de Homero ao nosso tempo? da grande aventura da palavra, ontem e hoje? *Entremilênios?* Lembro, também, que é com a palavra “búzio” que Eliana Teruel traduz o termo “caracola”, neste mesmo volume da revista *Cisma*, ao verter o poema-depoimento de Octávio Paz sobre Haroldo. É ele, Paz, e ela, Eliana, via tradução, que nos dizem que a palavra poética de Haroldo é como um:

búzio abandonado na praia da memória
búzio que fala sozinho, taça de espuma de pedra, alcova
do oceano, grito petrificado.
(PAZ, 2015, p. 30)

Quando Haroldo se referia ao épico, quando remetia a esse gênero, penso que era a essa imagem do grandioso e do reles, do ganho maior e do abandono, que sempre aludia. Não por acaso, um dos seus primeiros poemas em que a alusão mais explícita – ainda que debochada e irônica – ao épico aparece trazia, em 1963, o título de “ALEA I: variações semânticas”, e o subtítulo: “uma epicomédia de bolso”.

Nele, mais especificamente na segunda parte do poema, o leitor podia ver uma espécie de torre ou obelisco de letras, na qual as variações enigmáticas das partes de uma mesma palavra se sucediam aleatoriamente, até formarem, na base da coluna, os dizeres: “MUNDO LIVRE”. A peça, de cunho sardônico, explorava, por via da decomposição vocabular, o *slogan* com que os países capitalistas se definiam em relação ao bloco soviético, no contexto da Guerra-Fria. O gesto, de contestação, repetia e variava, em outro plano, o mesmo procedimento com que, na primeira parte do poema, ridicularizava as fórmulas vazias pelas quais, na sociedade de

³ Para uma análise minuciosa deste fragmento, ver o ensaio “Leitura finita de um texto infinito: *Galáxias* de Haroldo de Campos”, da tradutora do livro para o francês Inês Oseki-Dépré (2011).

consumo, a publicidade e a oratória, e mesmo a crítica, ainda pretendem conferir alguma aura de novidade ou relevância a tudo aquilo que, de si, já não tem mais nenhum valor, senão o de mera mercadoria. Assim, se já nos primeiros versos do poema, Haroldo nos defrontava com desagradável sequência de:

O ADMIRÁVEL o louvável o notável o adorável
o grandioso o fabuloso o fenomenal o colossal
(CAMPOS, 1992, p. 63)

De forma simetricamente inversa, na segunda estrofe, recordava-nos que, para cada elemento do louvor grandiloquente, há, também, implícita ou explicitamente:

O ADMERDÁVEL o lucrável o nojável o adourável
o ganglioso o flatuloso o fedormenal o culossádico
(CAMPOS, 1992, p. 63)

E assim por diante...

Retomo, então, o fio. A essa altura, o leitor já deve ter percebido: quis falar do épico, girei e recaí no político. Fiz como se, ao preparar minha fala, tivesse dito: “Não vamos colocar uma meta. E, quando cumprirmos a meta, nós iremos dobrar a meta”.

A frase, que se tornou um gracejo popular à época da redação deste texto, tinha sido dita pela então presidente Dilma, na ocasião em que anunciava a ampliação de vagas de um programa de qualificação profissional para jovens aprendizes, e para o qual, àquela altura, só conseguira entregar um por cento das vagas prometidas até 2018. Espicaçada de todos os modos, a frase da presidente foi recebida como um disparate e logo apropriada como prova irrefutável do seu descaso com o eleitorado, bem como de sua inépcia na condução da máquina pública — o que, obviamente, não vinha sem a habitual companhia das gracinhas classistas e machistas que tratavam a presidente e seu antecessor como ignorantes consumados, mais em razão da identificação deles com os pobres do que por mérito ou demérito próprio.

De todo modo, ao repetir a frase, aqui, em contexto literário e acadêmico, não poderia desejar, nem pretender, produzir a menor perplexidade ou inquietação; mesmo sabendo que os critérios de desempenho e produtividade que, hoje, regem a produção do saber — e, também, boa parte da literatura — em geral, não se diferenciam muito daqueles que na política e na economia regulam desde a fabricação de automóveis e gás xisto até a produção de linguças para churrasco.

Assim, agora que Haroldo de Campos já não pode mais responder por sua obra (não em presença, pelo menos); e que o fundamentalismo neoliberal já não permite mais que qualquer enunciado sobre política, economia ou educação possa ser lido fora do idioma planificado do mercado; posto de lado, também, o fato de a frase ter sido dita com o propósito descarado de disfarçar a má gestão da presidência; gostaria de tentar uma pergunta: contra todas essas objeções, haveria lugar, ainda, para surpreender, nessa insólita colocação da presidente,

um resíduo, mesmo que involuntário e mínimo, de um daqueles raros lances luciferinos de aposta contra o acaso, que Haroldo reivindicava como gesto tradutório máximo, e que, também, identificava com a poesia?

Na vida como na literatura, na poesia e na política atuais, haveria ainda algum lugar para o cultivo de incertezas, de riscos e de apostas, ou mesmo para a mais singela sugestão de experiência com o acaso, ainda que na forma de um tropeço de raciocínio, ou de um chiste? Ou estaríamos mesmo condenados à tirania do programado, isto é, de só realizar, como meta de vida, apenas o rigorosamente calculado, ponderado e previsto no plano piloto dos consensos industriais e políticos?

Dita no limiar da insensatez, ou mesmo da distração criativa, a frase, como todo delírio, tem qualquer coisa de oracular, de um sinal dos tempos. Há, nela, algo de *profecia* (no sentido daquela constatação que engendra, ao mesmo tempo, sua performance), a dramatizar este insuportável período de esgotamento pós-utópico da poesia na política e da política na poesia, que, segundo alguns, só muito tardiamente, Haroldo de Campos constatou e consagrou, com esse nome, ao sugerir, em 1984, uma de suas interpretações mais conhecidas do “agora”⁴.

Enfim, daria para ver, ainda, nesta proposta insólita de não ter uma meta e, após atingi-la, ultrapassá-la, a insinuação de uma dessas muitas fissuras por onde todo o irracionalismo do “mundo administrado” em que vivemos se escancara?

Apesar dos problemas práticos e imediatos que toda essa gama de evidências comporta, é ainda a questão da legibilidade que se impõe de maneira implacável.

Haroldo sempre foi um homem de palavras, de metas. E as cumpria metodicamente.

Propôs-se traduzir o difícil e enigmático *Lance de Dados* e o fez. Depois, aprender grego e traduzir a *Iliada*, e também o fez. Escreveu e reescreveu *Galáxias* por mais de uma década, segundo os mesmos princípios, sem hesitar ou recuar.

Contudo, apesar da pontualidade e prontidão de Haroldo, não seria o caso de reconhecer, mesmo nas escolhas mais sérias e acertadas de sua vida, um eixo irredutível de irresponsabilidade e acaso? Qualquer coisa em torno da qual se reuniriam e equilibrariam os elementos mais interessantes de sua poesia?

Em outros termos, como não ver, ainda, naquele fragmento de *Galáxias*, em que Haroldo evoca Homero — ou melhor, no ponto em que evoca a “palavra-búzio” de Homero, “soprada e trans-soprada por sucessivo escarcéu de vogais” — qualquer coisa de épico, de plenitude de decisão e sentido?

Como não ver, ainda, paixão, amizade e política neste fragmento de tempo, e de poesia, em que a poesia e a palavra são um fragmento de existência que se recebe e doa, à beira mar, na praia da vida, onde todos morremos?

Haroldo não conheceu Homero. Não foi seu contemporâneo, no sentido concreto do termo. Do mesmo modo como eu, e, provavelmente, muitos de vocês, não conheceram Haroldo. Mas Haroldo amou apaixonadamente a palavra de Homero. Quis tomá-la da areia desértica do

⁴ Cf. de Haroldo de Campos, o ensaio “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico”, publicado em *O arco íris branco* (1997); e, de Marcos Siscar, o ensaio “A alavanca da crise: a ‘poesia pós-utópica’ de Haroldo de Campos”, publicado na revista *Remate de Males*, v. 34, n.1, 2014.

tempo, recebê-la. Fazê-la recobrar vida. Queria dar nova vida a esse Homero a quem, com não menos justiça caberia dizer, como disse a professora Diana, que foi “um admirável amigo do qual tanto se recebe, mas do qual não se sabe receber o bastante.” (MARTHA, 2015, p. 14).

Em tempos como esse, que é, também, o nosso: como é dado saber? Como é possível receber e se admirar ainda?

Como se chega ao bastante?

Mesmo escrevendo maus poemas, ou, eventualmente, se posicionando de maneira muito desastrada acerca de certos temas poéticos e políticos, Haroldo nunca deixou de ser companheiro e de se engajar nos acontecimentos mais graves da hora histórica.

Quando do massacre dos sem-terra de Eldorado dos Carajás, em 1996, por exemplo, não se fez de desentendido. Posicionou-se. E registrou — ao menos o quanto pode a poesia registrar qualquer coisa —, a memória irreparável de um acontecimento que palavra alguma poderia ter a pretensão de redimir ou dizer, e que, mesmo hoje ainda sangra no corpo da história social e política brasileira. Falo do seu poema o “Anjo esquerdo da história”. Em particular daquele trecho em que, engajado com a matéria e as vítimas reais que informam seu assunto, Haroldo nos diz, em tom solene e trágico, como a hora pedia:

ei-
los: afinal con-
vertidos em larvas
em mortuá-
rios despojos:
ataúdes lavrados
na escassa madeira
(matéria)
atocaiou-os
mortiassentados
sitibundos
decúbito-abatidos pre-
destinatários de uma
agra (magra)
re(dis)(forme) forma
-fome- a-
grária: ei-
los gregária
comunidade de meeiros

enver-
gonhada a-
goniada
avexada
-envergoncorroída de
imo-abrasivo re-
morso-
a pátria
(como ufanar-se da?)
apátrida

pranteia os seus des-
possuídos párias-
pátria parricida.
(CAMPOS, 1998, p. 69-72)⁵

Como um singelo amigo, um companheiro de guerra, de viagem ou de hospedaria, Haroldo nos oferece, aí, aquilo de que melhor pode dispor, mesmo que este melhor não seja o seu melhor; mesmo quando este melhor, que nos é dado, como a “palavra-búzio”, de Homero, talvez não nos sirva de nada, ou mal saibamos o que fazer dela. Sem as melhores palavras, ou, mesmo, apenas com aquelas que lhe restam, Haroldo compõe um poema fúnebre, uma homenagem elegíaca ao desfecho horrendo de um impasse que, sabemos bem, ainda não encontrou, e tão cedo deve encontrar, seu fim. Em suma, um canto fúnebre, como aquele que, também Homero, dedicou a Heitor, o guerreiro troiano morto por Aquiles, e com qual encerra seu inesquecível poema.

Épico, poesia, política e amizade, por certo, não são temas que se deixam apreender em um passar de olhos. Saltam a vista seus pressupostos não investigados, as relações mal explicadas, as consequências e implicações não perseguidas até o fim. E, ainda assim, creio eu, nada assegura que uma dissecação metódica e anatômica do assunto permitiria trazer, necessariamente, melhores esclarecimentos. O que quis apresentar — em todo caso, como hipótese ainda por sondar — é que, na poesia de Haroldo, épico e política, mesmo que sorratamente, sempre parecem se unir por esse vínculo silencioso e discreto, mas sempre presente, que é a paixão amiga. Ou seja, a paixão admirativa e, mesmo emulativa, em relação aos outros, mesmo quando em campos opostos.

Em toda a vida, Haroldo sempre escreveu poemas a seus conhecidos e amigos, ou a pessoas por quem nutria admiração. Toda a seção “Lendo a *Iliada*”, de *Entremilênios*, é de poemas que retratam — não amigos, desta vez —, mas personagens homéricos que, pela complexidade de suas figuras, parecem ter exercido imenso fascínio sobre Haroldo, e que são, cada um a sua maneira, e mesmo em sua decadência ou tragédia, personagens exemplares, como Agamêmnon, Tersítes ou Néstor.

Concluo, então.

Do aberto de todo desfecho e conclusão

Quando quis escrever esta fala, e comecei a cismar em busca de assunto, a Milena — companheira e amiga de todas as horas, com quem vivo há dez anos — me recomendou o seguinte: “*escreva sobre alguma coisa que você gosta no Haroldo. Você sempre fala muito do Hagoromo de Zeami, que ele traduziu. Fale sobre isso.*” Ela disse, e ao sugerir, era como se me entrasse pelos ouvidos um sopro emaranhado e imperceptível de vozes, segredando o que

⁵ Cf., de Else R. P. Vieira (2008), o ensaio “Translating history and creating an international platform: Haroldo de Campos’s ‘o anjo esquerdo da história’”.

dizer — como em Homero, outrora, o vento soprou Odisseu ao léu, desde o mar à ilha de Calipso, depois aos Feácios e finalmente à Ítaca.

Queria, então, terminar com uma estrofe dessa obra-prima do teatro japonês, tão cuidadosamente traduzida por Haroldo, e que, creio eu, diz muito, ou quase tudo, sobre a vida e seus amores, a paixão, o épico e a amizade; sobre o que é devido ou não a si mesmo e aos outros; enfim, sobre a política. Mas gostaria de fazê-lo não de forma lógico-analítica, comentando, justificando ou explicando as razões pelas quais eu escolhi essa passagem, ou por que costume ler tais coisas nesse poema.

Gostaria de fazê-lo na forma sintética do ideograma e da montagem cinematográfica, procedimentos de composição artística e literária que Haroldo tanto amou ao longo da vida. Evoco, portanto, aqui, aquela “analógica” da justaposição direta de coisas que se aproximam e se repelem mutuamente, como no poema de Mallarmé (*Salut!*), coisas tão diversas quanto “Solidão, recife, estrela” se aproximam e se esclarecem, num único verso. E como, ainda no mesmo poema, por um corte sutil do fim do verso, os amigos do poeta são, ao mesmo tempo, os seus diferentes e os seus próximos; pois, na solidão do tempo, ainda:

navegamos, oh! meus diversos
amigos [...]
(MALLARMÉ, 2015, p. 13)

Passemos, então, diretamente ao ponto.

O poema de Zeami traduzido por Haroldo é sobre um pobre pescador que, por acaso, encontra um manto divino, abandonado à beira mar. É o “hagoromo”, o manto de plumas, que dá nome ao poema. Ao encontrá-lo, o pescador entra num êxtase de alegria, tanto em razão da beleza do tecido, como pela sorte de tê-lo encontrado. Assim, quando o anjo-deusa, dona do manto, aparece-lhe, exigindo que o devolva, o pescador, entre indignado e malicioso, retruca com uma condição: só devolve o manto se puder ver a bela deusa executar, absorta nos ares, a famosa dança com o manto de plumas, até então reservada apenas aos deuses.

Aqui, é a própria contemplação estética — a fuga das circunstâncias temporais pelo ingresso no universo duradouro da Verdade e do Belo (como se crê), franqueado pelo transporte metafórico da fantasia — que é concebida como privilégio exclusivo das divindades, do sobre-humano. E conquistá-la, no mesmo momento em que se a perde, já é, aqui, um gesto de delicadeza muito sutil, cujas conotações políticas são das mais interessantes e diversas.

Se é verdade que a força épica da poesia tradicional, e mesmo da moderna, reside nesta vontade de poder, isto é, de tocar o nervo e a raiz do sentido global da existência, pode-se dizer, também, que em grande medida, a sua graça reside, igualmente, na força com que declara e amplia o seu não poder — o que, em última análise, nunca se confunde, ou chega a ser, impotência.

Enfim, como nos diz o trecho do poema de Zeami e Haroldo:

A lua demora no plaiño do céu.
E mesmo para nós inábeis de altura
incapazes de poema — um céu
nos extravasa o coração: visão
inolvidável!
(CAMPOS, 2006, p. 35)

SCUDELLER, G. For a Sketch of Hearing: “Nenhum-homem / (Quicá cada um de / Nós?)”, between Epic and Politics in Haroldo de Campos. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 8, n. 1, p. 103–118, 2016.

Agradecimentos

Agradeço e dedico este texto a Marília Garcia e Leonardo Gandolfi, pelo contato com o pessoal da revista *Cisma*; a Caroline Micaelia, pelo convite e intermediação; e à Casa das Rosas.

Referências

ASCHER, N. PT & Poesia. Dedurismo Fora de Lugar. **Teoria e debate**, São Paulo, s/v., n. 27, dez./1994. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/politica/pt-poesia-dedurismo-fora-do-lugar&page=0,1>>. Acesso: 28/03/2016.

CAMPOS, H. Alea I – Variações semânticas (uma epicomédia de bolso). In: OSEKI-DÉPRÉ, I. *Os melhores poemas de Haroldo de Campos*. 3. ed. São Paulo: Editora Global, 1992. p. 63.

_____. *O arco-íris branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *Crisantempo*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *Hagoromo de Zeami: o charme sutil*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

_____. *Entremilênios*. Organização Carmen de Arruda Campos. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Signos, 48).

_____. *Galáxias*. Organização de Trajano Vieira. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

CISMA. São Paulo, edição especial Haroldo de Campos (reimpressão), ano IV, 2015.

DERRIDA, J. Cada vez, isto é, e no entanto, Haroldo... In: **CISMA**. São Paulo, edição especial Haroldo de Campos (reimpressão), ano IV, 2015. p. 19-21.

GAGNEBIN, J-M. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 4, jul./dez. 1997.

MALLARMÉ, S. *Poemas*. Trad. e notas José Lino Grünwald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MARTHA, D. J. B. Haroldo, o poder armado. In: **CISMA**. São Paulo, edição especial Haroldo de Campos (reimpressão), ano IV, 2015. p. 11-15.

NUERNBERGER, R. Introdução. In: **CISMA**. São Paulo, edição especial Haroldo de Campos (reimpressão), ano IV, 2015. p. 9-10.

OSEKI-DÉPRÉ, I. Leitura finita de um texto infinito: Galáxias de Haroldo de Campos. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jan.-jun./2011. In: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2011000100008>. Acesso: 28/03/2016.

PAZ, O. Instantâneos. In: **CISMA**. São Paulo, edição especial Haroldo de Campos (reimpressão), ano IV, 2015. p. 30-31.

SCHNAIDERMAN, B. PT & Poesia. A sombra de Jdanov. **Teoria e debate**, São Paulo, n. 27, dez./1994. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/politica/pt-poesia-sombra-de-jdanov>>. Acesso: 28/03/2016.

SIMON, I. M. PT & Poesia. A cidadania de pé-quebrado. **Teoria e debate**, São Paulo, n. 26, p. 60-68, set./1994. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/cultura/pt-poesia-cidadania-de-pe-quebrado>>. Acesso: 28/03/2016.

SISCAR, M. A cisma da poesia brasileira. **Sibila**, Cotia (SP), ano V, n. 8-9, p. 41-60, set./2005. Disponível em: <http://www.3vitre.it/saggi/rivista_completa_sibila8.pdf>. Acesso em 21/03/2016.

_____. *Poesia e crise: ensaios sobre a 'crise da poesia' como topos da modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. A alavanca da crise: a 'poesia pós-utópica' de Haroldo de Campos. *Remate de Males*, Campinas, v. 34, n.1, p. 81-94, jan/jul. 2014. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/4163>>. Acesso em 12/02/2016.

THOMAS, G. Entrevista com Haroldo de Campos, para a TV UOL. Disponível em: <<http://tvuol.uol.com.br/video/geralduol--haroldo-de-campos-04029B3070CCB93366/ilha-tematica-11>>. Acesso em: 28/03/2016.

VIEIRA, E. R. P. Translating history and creating an international platform: Haroldo de Campo's 'o anjo esquerdo da história'. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*, São Paulo, 2008. Disponível em:<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/ELSE_VIEIRA.pdf>. Acesso em: 28/03/2016.

Recebido em: 03/04/2016

Aceito em: 12/05/2016